

VENENO

JOSÉ BATISTA MARQUES



Salão da BASE



José Batista Marques. Veneno, 2024. Óleo e grafite sobre pasta de modelar, 36 x 44 cm (aproximadamente).

En(ciclo)pédia de todas as memórias

Que percepções e memórias são visíveis nas duas pinturas tão dispare, uma interior outra exterior, apresentadas por José Batista Marques nesta exposição? E a sequência de três garrafas marcadas pelo tempo, uma sinalizada com conteúdo venenoso, nos dizem? E um gato preto, estático, contemplativo?

Qualquer artista que se encontre diante de uma questão como a do movimento e do tempo vai ver-se frente a uma questão terrível. As quatro obras apresentadas nesta exposição parecem querer abranger, à maneira de uma enciclopédia de todas as memórias, uma estética feita de ciclos temporais. No platonismo, chama-se fluxo heraclítico. Aqui fica visível a relação circular entre o artista, a obra e o constante de sensações. Uma mudança feita de esforço e resistência. Qualquer um dos três não pode ser pensado como uma unidade isolada. São sempre algo causal que produz um efeito; sempre algo que, para agir, faz um esforço e encontra uma resistência. O próprio veneno que dá título à exposição, tem um valor duplo, contraditório, que se baseia em estados transitórios: A diferença fina entre o remédio e o veneno. Tão fina quanto o espaço divino e mundano que às vezes se expandem e às vezes se estreitam.



José Batista Marques. Taça com alperces, 2024. Óleo sobre tela e grafite sobre pasta de modelar, dimensões variáveis.

José Batista Marques pensa a arte como um veneno e um antídoto ligado ao desenvolvimento ou descoberta de acasos felizes. O segredo da arte parece estar na dosagem de veneno que o artista coloca nas suas obras. Se for em excesso pode matar uma obra, na dose certa pode potencia o antídoto para a maior das dores. O artista remete assim a dosagem a uma espécie de feliz coincidência em que veneno e remédio se unem para nos revelar um conjunto de trabalhos plenos de memórias passadas e vidas futuras.



José Batista Marques. Gato, 2023. Óleo e grafite sobre pasta de modelar, 33 x 52 cm (aproximadamente).

A memória na sua noção tradicional tem a função de apreender antigos presentes mas se a entendermos como reminiscência, vamos veti-la de toda uma estética temporal única. . . neste sentido, a memória passa a apreender passados que jamais foram presentes. Nesta enciclopédia de memórias o artista mostra-nos alvez um antídoto para a existência e criação artística.



José Batista Marques. Paisagem habitada com neve, 2024.
Óleo e grafite sobre pasta de modelar, dimensões variáveis.

Talvez ele passe por uma administração de venenosos acasos felizes onde antigos presentes e passados que nunca foram presentes se misturam e este conjunto de quatro obras, um exemplo disso mesmo. Que a curiosidade alimente o espectador em tentar definir a sua própria dose de veneno para que encontre um antídoto para as suas dores.

Pedro Miguel Arrifano.